

## Dealema, Matozoo, LCR

Um cinzel de palavras

NO PORTO O HIP HOP É MAIS CEREBRAL. Sem as condicionantes de Lisboa – problemas sociais dos subúrbios, imigração, a dimensão –, no norte é tudo mais concentrado. Isso faz com que o hip hop assumira um aspecto porventura abstracto. «Aqui divaga-se mais. Fala-se mais da essência do hip hop», explica Fuse, dos Dealema, talvez o grupo mais activo do Porto. Mas há mais, que podem ser escutados numa compilação a sair em breve: «Roca Forte».

Os Dealema são MC Fuse, 24, designer; MC Espião, 23; MC Mundo, produtor; MC Maze, 22, estudante; DJ Guze, 23, designer. O universo deles monta-se e remonta-se no «3º piso», a sala de ensaios e de brainstorming na casa de um deles, que funciona como um espaço à parte dos movimentos da cidade (por correspondência, em Lisboa, há o «7º céu» de Sam the Kid – ver texto sobre ele). Se o hip hop é uma questão individual, então o Porto tem todas as condições para isso. Pode-se dizer que o clima fechado da cidade proporciona uma introspecção mais marcada, e por isso o rap que sai daqui tem outra espessura. Tudo funciona com egos de natureza mais protectionista. Em Lisboa, lembra Fuse, «os grupos estão mais ligados. Os bairros a que pertencem vão atrás deles para os concertos». Mas isto não significa que o hip hop portuense sofra de isolacionismo ou desinteresse. Bem pelo contrário: nas já frequentes noites semanais de hip hop na sala de concertos do Hard Club, em Gaia, os fãs nortenhos são às centenas. Chegam a estar 700 pessoas. E quando os Dealema descem ao Sul, as plateias lisboetas espantam-se com o carisma e a potência deles. Como sempre, parece que é a música moderna o factor que realmente une o Sul e Norte hoje em dia, deixando de lado as habituais divergências inocuas. Fuse é um legítimo teórico do hip hop do Porto, mas é preciso destacar Mundo – ele é a força motriz da cena, organizador de múltiplos eventos, dedica a vida a isto.

Neste micro-universo também estão os Matozoo, mais antigos e um pouco mais espaçados na actividade. São uma perfeita paleta: Martinez, 26, consultor numa empresa de informática, estudante e treinador de basquetebol; Kiko, 32 anos, pintor de construção civil; Chemega, 20, estudante de Belas-Artes; Feedback, 22, trabalhador-estudante. Martinez conta, com prazer, que hoje vê nascer grupos que eles ajudaram a produzir. A idade traz a sabedoria da ironia, e Martinez remete para o CD dos Matozoo, «Pa'trástoplay No teu Melão». «Melão» é «cabeça» e «é um divertimento de hip hop. Quando ouvires, vais ter de andar para trás com o disco...». Mais para a frente andam os LCR – Berna, 16, e Nocas, 20,

Se o hip hop é uma questão individual, então o Porto tem todas as condições para isso.

estudantes, e Sacl, 19, jogador de futebol no Leixões –, recentíssima formação, mas que sublinha o mesmo tom portuense: «As coisas são mais mentais».

De volta aos Dealema – que neste momento preparam um novo disco. Quando sobem ao palco do Hard Club, sala cheia e o Douro deslizando como veludo sob as luzes das duas margens, o público vibra mas funciona com tranquilidade: o hip hop cerebral do Norte actua com força. Aqui não há a angústia do calor do Sul vertida nas palavras. É o frio lançando uma melancolia inédita sobre as rimas. Nada de novo, ao fim e ao cabo: poesia saída do granito. ■

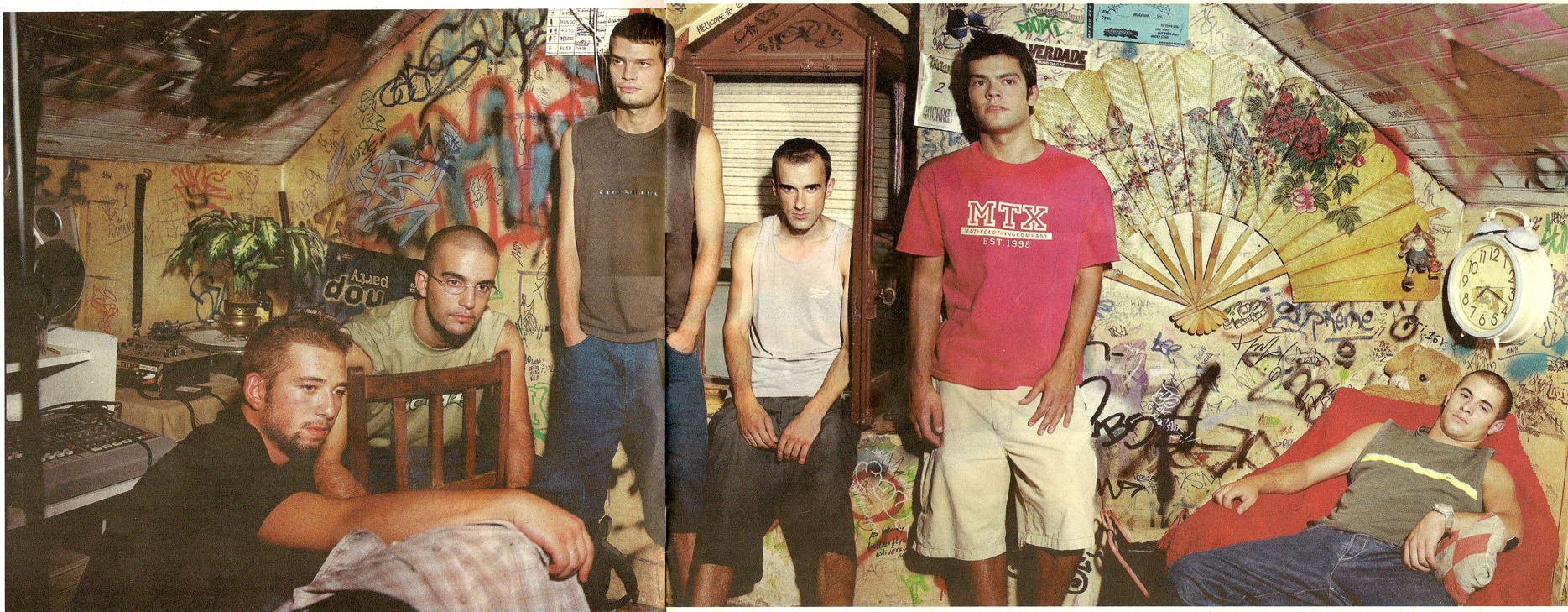
## Micro

O farol da marginal

MICROLÂNDIA, CARCAVELOS, BAIRRO de Palmeiras. «Palmeiras representativa», exclamam num dos seus temas. Eles são os Micro, as três cabeças fulminantes de uma «crew» («crew» é um conjunto mais ou menos organizado de hip hoppers de várias áreas criativas, que se move em bloco) chamada Microlândia: MC e produtor D-Mars, luso-croata, 24 anos; DJ Nel Assasin, 26; e MC Sagas, 24. O primeiro é um diamante em estado bruto – mas já anda nisto há mais de dez anos. O segundo é um scratcher de mãos delicadas. O terceiro possui uma das vozes mais carismáticas e vincadas do hip hop nacional – é quase um Louis Armstrong do rap –, e joga futebol profissionalmente num clube local. Todos juntos, uma força inabalável, extremamen-



Os Micro são um farol e um porto de abrigo do hip hop. Orgulhosos, mas com a noção de que o homem é a pequena medida da existência. «Micro não vem de 'microfone', vem de 'pequeno'. Estamos no mundo, mas cada indivíduo é um mundo, e esse mundo é a tal microlândia



te crente na evolução desta cultura urbana. O som deles é uma lição.

Os Micro são uma «piçoca de resistência». Daqueles que não permitem que as coisas parem por desânimo ou falta de condições. A começar logo por D-Mars: «O que trago da meu lado croata para isto? Se alguém me prejudica, eu reajo imediatamente. Não fico a ameaçar. Reajo. É a maneira de ser croata. Se calhar isso ajuda neste país.» Chegado a Portugal na adolescência, quando a família se afastou de uma ex-Jugoslá-

via em convulsão, ele, branco, encontrou o seu meio natural na comunidade africana. «Todos os meus amigos são africanos. Todos. Tem muito mais a ver com a minha maneira de ser». Porém, deixa bem claro que essa construção de amizades não tem nada a ver com alguma forma lamentativa de encerrar a vida.

«O hip hop também é knowledge, sabedoria. Tem de haver mais nível, skills. O skill tem que subir». Isto é um aleta à racionalização. «É preciso mais profissional-

mo.» Chateiam-se com abusos, por exemplo os abusos do graffiti mal executado: «Os putos fazem merdas horríveis. Parece que a parede está a doer. Mas não podes chegar lá e dizer: hei, não faças isso». Hip hop é responsabilidade, e a responsabilidade ensina-se, não se força. Só que é difícil fazer passar esse conceito. «Estamos num país em que a televisão passa reality-shows sobre polícias portuguesas e depois mete o som de rap por baixo e filma os graffitis. Não tem nada a ver. O hip hop serve para melhorar o

mundo. Hip hop é unir raças. E unir raças mete medo a muita gente».

Os Micro são um farol e um porto de abrigo do hip hop. Orgulhosos, mas com a noção de que o homem é a pequena medida da existência. «Micro não vem de 'microfone', vem de 'pequeno'. Estamos no mundo, mas cada indivíduo é um mundo, e esse mundo é a tal microlândia. Chega de estarmos calados. A arte serve para provocar». O novo disco deles chama-se «Demo Style». ■